

Contar histórias para formar leitores

Gláucia Aparecida Batista¹

¹Mestrado em Linguística Aplicada – Universidade de Taubaté (UNITAU)
Rua Visconde do Rio Branco, 210. 12020-040. Taubaté- SP.
glaubatuba@hotmail.com

Resumo. *A contação de histórias – ou reconto – é uma atividade rica para motivar para a leitura de literatura. A história contada (mito, fábula, conto, lenda, etc.) leva a criança ou adolescente para um mundo novo, desperta a fantasia e a imaginação. Ouvindo histórias, o aluno se encanta, quer mais. Relato a experiência com 5ª e 6ª série, na qual reconto histórias variadas e apresento obras literárias para escolha dos alunos, que as emprestam, lêem em casa e depois compartilham suas leituras. O objetivo desse trabalho é desenvolver o gosto pela leitura de literatura, partindo sempre da liberdade do aluno para a escolha de suas leituras, com o que os tenho levado a descobrir seus gêneros e autores preferidos.*

Palavras-chave. *Reconto; oralidade; leitura de literatura; transdisciplinaridade; transversalidade.*

Abstract. *Storytelling – or to retell – It is a rich way of motivating the reading of literature. A told story (myth, tale, legend, etc.) leads a child or a teenager to a new world. It awakes the fantasy and imagination. Listening to stories enchants the students that always want more. Here I tell the experience I have had with the 5th and 6th years of junior high school where I retell varied stories and I show them literature works for their own choice. They borrow books and read them at home. Soon after, in classroom, they share their readings. The aim of this work is to develop the enjoyment for reading literature from the students own reading choices. By this way I have helped the students to discover their preferred authors as well as their kind of literature.*

Keywords. *Retell; orality; literature reading; transdiscipline; transversality.*

Apresentação

A experiência de reconto e leitura que aqui apresento se originou da constatação das deficiências de leitura dos alunos que chegam às 5ª e 6ª séries do ensino fundamental. As dificuldades de compreensão do texto escrito são um entrave para a aprendizagem de quaisquer conteúdos que possam ser ensinados nas várias disciplinas escolares a partir dessa série.

A minha intenção, primeiramente, foi estimular a leitura, levando os livros de literatura existentes na escola, para a sala de aula, para empréstimo, sem cobrança de

trabalhos ou qualquer atividade para nota. Ocorre que os alunos que não têm familiaridade com livros desde cedo, em suas casas, precisam de uma motivação a mais para ler.

Os objetivos estabelecidos para essa experiência foram: a motivação para a leitura, o desenvolvimento da oralidade e a valorização do reconto como prática social.

Contar histórias em sala de aula, ou recontar – usando o termo empregado por Patrini (2005) – começou a fazer parte da minha prática há alguns anos, quando percebi o poder de fascínio do reconto sobre os alunos. Mas há um outro aspecto fundamental envolvido nesse trabalho, e que vale a pena salientar: o desenvolvimento das relações humanas, a aproximação professor-aluno, que se dá mediante o jogo da oralidade do reconto.

Como professora de História das redes públicas estadual e municipal de educação em Ubatuba-SP, sempre me esforcei por realizar um trabalho coletivo. Nem sempre foi possível. Ainda persiste em nossas escolas uma forte divisão do saber, fruto de uma visão fragmentária do conhecimento. Seria possível, para professores de História (ou quaisquer outras disciplinas, além de Língua Portuguesa), desenvolver um trabalho sério com literatura? Acredito que sim. A fundamentação para esse trabalho e uma possibilidade de atuar nesse sentido é o que pretendo demonstrar com esse relato de experiência.

Pressupostos teóricos

A experiência de reconto e leitura nas aulas de História necessita de uma justificativa teórica que a legitime. Nesse sentido, deve-se entender a prática do reconto e da leitura de literatura numa perspectiva transdisciplinar. Segundo a Carta da Transdisciplinaridade, assinada por Morin, Nicolescu e Freitas (1994: artigo 3), “[...] a transdisciplinaridade não procura a mestria de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa”. Coelho (2000) afirma que a literatura pode ser o elo de ligação entre as disciplinas escolares. Para Morin (2004), teórico da transdisciplinaridade, as “finalidades educativas fundamentais” são “(1) formar espíritos capazes de organizar seus conhecimentos em vez de armazená-los por uma acumulação de saberes [...]; 2) ensinar a condição humana [...]; 3) ensinar a viver [...]; 4) refazer uma escola da cidadania. Considerando que nas aulas de História se deve, além de transmitir os conhecimentos produzidos por essa ciência em particular – o que se pode fazer partindo da literatura (DARNTON, 2001) –, também trabalhar para unir os conhecimentos de forma que façam sentido para os alunos e atender às finalidades educativas citadas, é que se produziu o projeto de reconto e leitura que será relatado adiante.

Esse trabalho, que envolveu alunos de quatro turmas de 5ª e 6ª séries, partiu do pressuposto de que colaborar para a formação de leitores literários transcende os limites de uma disciplina escolar. Os professores, de quaisquer disciplinas, são uma referência e um modelo para os alunos. Se forem leitores, poderão passar a sua experiência positiva com a leitura. “Não conheço ninguém que não goste de ouvir uma boa história”, afirma Machado (2004). Do ato de ouvir para o de ler: é um caminho que pode ser percorrido na escola.

Com o recurso da leitura, mas principalmente com o reconto, que implica participação coletiva dos alunos, exercita-se a transversalidade, preconizada pelos PCN (2001) e o tema *ética* é, dos propostos pelos PCN, o mais amplamente trabalhado, ou se poderia dizer vivenciado, pois ao ouvir uma história, as pessoas “transitam, cada uma pela

sua própria história, dentro do conto” (MACHADO, 2004). Ao ouvir histórias, os alunos são levados a refletir sobre suas vidas, atitudes, valores. O gosto por ouvir histórias – e sobretudo as histórias tradicionais, como os contos, fábulas e mitos – revela uma necessidade humana. Segundo Machado (2004):

Os contos milenares são guardiães de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetos de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores do que no início do conto. O que faz com que nós, narradores, leitores e ouvintes, nos vejamos com outros olhos.

Criação humana capaz de levar as pessoas ao encontro com o outro e consigo mesmas, a arte milenar de inventar e contar histórias provavelmente nasceu com a humanidade, já que o “*Homo sapiens* é um primata que conta histórias” (PATRINI, 2005). Essas histórias eternas: mitos, fábulas e contos estão entre as mais antigas formas literárias criadas pelo ser humano. Surgiram antes mesmo da invenção da escrita (AVELEZA, 2003) e foram posteriormente registradas por escrito, em variadas versões, que ainda hoje continuam se produzindo, graças à dinâmica da oralidade e da interação humana. Segundo Vernant (2005) “enquanto uma tradição oral de lendas estiver viva, enquanto permanecer em contato com os modos de pensar e os costumes de um grupo, ela se modificará: o relato ficará parcialmente aberto à inovação”. Patrini (2005), em sua pesquisa com contadores de histórias, revela que os contadores de histórias sempre fazem adaptações:

Em sua arte, o contador de histórias realiza de uma forma particular a tarefa de convocar imagens e idéias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu grupo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade.

Portanto, o conto, mesmo que já perpetuado numa versão escrita, comporta alterações, quando contado. Isso ocorre porque o reconto implica numa comunicação face a face, e mesmo que o ouvinte não intervenha comentando algo, o seu silêncio também comunica, a sua presença participa, e o contador é levado a improvisar e adaptar para atingir seu público. Zumthor (1993 apud PATRINI, 2005) afirma que “o ouvinte-espectador é, de algum modo, co-autor da obra [...]”.

Na interação, o aluno tem mais possibilidades de compreender uma história, visto que no reconto, a pretensão é que “uma história seja recontada segundo as mesmas regras de uma conversa” (BIEBUYCK, 1991 apud PATRINI, 2005). Para que se estabeleça um diálogo, é preciso que os interlocutores compartilhem de um conhecimento prévio, a partir do qual se pode avançar. Para Bakhtin (1992 apud PATRINI, 2005) “qualquer tipo de compreensão deve ser ativo, deve já conter o germe de uma resposta. [...] A compreensão é uma forma de *diálogo*; [...]”.

Metodologia

Para trabalhar o reconto, o primeiro passo foi a seleção de histórias a serem contadas nas aulas de História, e optou-se pelos mitos e fábulas gregos, contos medievais e lendas indígenas. Tentou-se relacionar as histórias contadas com o conteúdo estudado na disciplina de História, o que é possível já que toda produção literária – e nesse caso, de literatura oral – é feita a partir de um contexto histórico determinado, trazendo marcas daquele período, e nos revelando algo sobre o cotidiano e a mentalidade da época em que foram produzidos.

Sendo que são dadas três aulas de História por semana, uma dessas aulas ficava reservada para o reconto. O reconto era feito sem outros recursos além da voz, sem teatralidade, o que dava a possibilidade de intervenção, já que se ficava mais próximo de uma conversa, de um contar cotidiano. O reconto não só admitia participação como a solicitava, com chamadas como: “já viram algo semelhante?”, “o que vocês pensam disso?”, “o que vocês imaginam que podia acontecer?”. Essas chamadas aconteciam entremeadas nas narrativas, como uma forma de provocar a interação, de verificar o envolvimento e de dar chance de participar. No calor da narrativa, os alunos se desinibem, e fica mais fácil fazê-los falar, pensar no que falaram para reformular o que foi dito, e assim, desenvolver a oralidade. São colocações como: “me explique melhor, não estou entendendo o que você disse”, que numa aula normal poderiam inibir alguns alunos, mas que numa hora de reconto se tornam mais naturais, devido à proximidade proporcionada pelo jogo da oralidade.

Após cada história, seguia-se o momento da troca de impressões. As atitudes percebidas nas histórias eram colocadas em discussão, privilegiando o debate em torno de questões éticas. Eram dados nomes às atitudes e disposições como vingança, inveja, rancor, apatia, preguiça, ciúme, solidariedade, egoísmo, castigo, opressão, etc. Partia-se do que as crianças conheciam por sua vivência, para depois discutir opiniões e posicionamentos. Por exemplo, após o reconto da fábula *A cigarra e a formiga*, a conversa se encaminhava com questões como: “você conhece gente que age como a cigarra? E como a formiga? Podem contar uma situação parecida? O que a história pode significar? O lazer é importante? Quem agiu mal? Por quê?”, e assim por diante, de acordo com a participação da turma. Dessa forma, questões éticas de justiça, honestidade, solidariedade, etc., podem ser discutidas, passando das narrativas ouvidas para o cotidiano vivido pelos alunos.

Outro passo nesse projeto foi o resgate e valorização de histórias conhecidas pelos alunos. Eles foram motivados a contar histórias conhecidas, ouvidas de seus pais ou de outras pessoas. Poderiam fazer uma pesquisa, perguntando em casa ou na comunidade. Se não surgissem muitas histórias prontas, poderiam usar a criatividade para construir narrativas, usando fatos ocorridos com eles mesmos, dando um sentido, tornando-as interessantes para os ouvintes, como faz um contador.

Após algumas histórias contadas, foram levados livros para sala de aula e disponibilizados para empréstimo, como uma forma de facilitar o encontro do leitor com o livro. Sem nenhuma ligação com tarefas escolares, quem desejasse podia levar para ler em casa. Aos poucos, os alunos recebiam indicações sobre gêneros literários, que mostravam possibilidades de leitura de acordo com os gostos: “esses são livros de memórias, aqueles de contos, isso é uma crônica, esses livros têm histórias fantásticas, de aventuras,

românticas, de mistério, etc.” O critério para seleção dos livros de literatura a serem levados para empréstimos era o da diversidade, procurando atender às preferências dos alunos e tendo o cuidado de oferecer obras que eles estivessem em condições de ler, tendo em vista que em uma mesma turma existem alunos com diferentes níveis de competência leitora. Os alunos que liam eram orientados a observarem quem eram os autores das obras, e a procurarem outras obras do mesmo autor, caso tivessem gostado do livro. Eram estimulados a comentarem as obras das quais tinham gostado e/ou indicarem livros para os colegas.

Resultados e conclusões

A prática do reconto em sala de aula trouxe bons resultados. A participação com comentários, observações e a construção de suas próprias narrativas orais envolveu a todos os alunos, e leva a concluir que os alunos gostam de ouvir histórias e de contá-las e que o reconto é eficaz na promoção de estímulos para a leitura. Como prova, os empréstimos de livros se multiplicaram. Muitos alunos já demonstram as suas tendências na formação do gosto: solicitam mais livros de aventuras, mistérios, etc. Essa experiência demonstrou a importância da mediação do professor, servindo principalmente como um motivador, gerando o interesse e despertando para o debate. Durante a discussão – na qual são confrontados não somente com o professor, mas com os colegas – os alunos são levados a refletir sobre seus próprios preconceitos, o que se mostrou mais profícuo do que a argumentação individual do professor.

O exercício da transversalidade através do reconto foi proveitoso, o que pôde ser constatado pela adesão dos alunos aos debates acerca dos temas surgidos. O desempenho da transdisciplinaridade é exigente, mas seu aprendizado é enriquecedor para o professor e para os alunos, que necessitam dar sentido às suas atividades escolares. É necessário que os professores trabalhem juntos em torno de projetos, que tenham a humildade para sair da ilusão do saber fechado de suas disciplinas, e assim aprender mais e ensinar melhor.

Referências

- AVELEZA, M. *Interpretando algumas fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro: Thex, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- COELHO, N.N. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- _____. *O conto de fadas – símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.
- FREITAS, L. de; MORIN, E.; NICOLESCU, B. *Carta da Transdisciplinaridade*. Convento da Arrábida, 1994. Disponível em: <http://www.unipazrj.org.br/transdisciplinaridade.htm>. Acesso em 03 maio 2005.
- MACHADO, R. *Acordais – fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.
- MORIN, E. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

- PATRINI, M. de L. *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez, 2005.
- VERNANT, J. P. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.